



*A culpa é o clima de incerteza, diz Bardella.*

## 33 Uma única certeza: as empresas pagarão mais impostos.

Trabalhar com o mínimo de estoque e o máximo de liquidez até 15 deste mês e preparar a empresa para absorver eventuais perdas por conta do plano de ajuste econômico do novo governo. É desta forma que os empresários da indústria vêm se comportando diante do clima de incerteza sobre o que vai acontecer a partir da posse de Fernando Collor de Mello. Alguns empresários se consideram "perplexos", admitiu ontem Cláudio Bardella, presidente do grupo Bardella, ao sair da reunião do Conselho Superior de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), sem saber o que fazer. Cada um dos que participaram da reunião, inclusive o banqueiro Olavo Setúbal, do grupo Itaú, realizou um verdadeiro exercício de criatividade na busca de uma luz sobre o plano Collor, mas o máximo que conseguiu foi a certeza de que as empresas vão pagar mais impostos.

Sérgio Bergamini, diretor da Fiesp, revelou que as empresas já

se preparam para absorver eventuais perdas. Na sua opinião, seria mais conveniente ceder uma cota de sacrifício tributário do que arcar com prejuízos decorrentes do alongamento da dívida externa, por exemplo.

Diversificar aplicações tem sido a saída de muitas empresas contra um eventual calote interno, segundo Olacyr de Moraes, do grupo Itamarati. Trabalhar com o máximo de liquidez, para ele, não significa reter todo o dinheiro em caixa: uma parte é aplicada na compra de matérias-primas ou em ouro.

Há poucos dias, Paulo Vellini, presidente da Associação Brasileira da Indústria Eletro-eletrônica, soube que a economia seria desindexada mesmo com inflação alta. Depois, ouviu a versão que acha correta: a queda da inflação deve preceder a desindexação. Diante deste quadro, ele diz que o melhor mesmo é trabalhar com estoque baixo e liquidez em alta.

No comércio, a ordem também

é manter o mínimo de estoques. O capital de giro é aplicado no overnight e possíveis excedentes vão para o ouro ou para os fundos. Explicações: a alta taxa de juros desestimula a manutenção de estoques; diante das incertezas do momento, os lojistas alegam não poder se arriscar em compras caras sem garantias de repasse; e ainda há a queda nas vendas do varejo, maior que a habitual na época.

"Manter estoque é um risco muito grande, mesmo porque os preços podem baixar a partir da próxima semana, com a adoção das novas medidas econômicas. O comércio está em compasso de espera, mesmo porque as vendas estão em queda", comentou o presidente da Federação do Comércio Abram Szjama.

Humberto Palhares, diretor administrativo-financeiro da Fotóptica, disse que tem antecipado suas compras no final do mês, evitando os aumentos que ocorrem no início de cada período. Mas sempre mantendo um estoque máximo para 30 dias. Os altos juros — que em alguns casos chegam a 90% ao mês — desestimulam as compras a prazo, mesmo porque grande parte dos fabricantes têm oferecido descontos significativos para os negócios realizados em prazos mais curtos. Uma promoção realizada pela Fotóptica nos dois primeiros meses evitaram a queda nas vendas, sentida apenas no ramo dos eletrônicos. Os recursos necessários para o fluxo de caixa são mantidos no over e parte das reservas estão aplicadas em fundos e em ouro.

Em pleno período de entressafra agrícola, a indústria de alimentos trabalha em velocidade menor neste período como explicou o presidente da Associação Brasileira de Indústria de Alimentação, Edmund Klotz. Parte das reservas foram utilizadas para a compra de matérias-primas e o over é uma alternativa para manter atualizado o capital de giro. Se o comércio tenta comprar o mínimo possível, a indústria de alimentação tenta vender o que puder, com o menor prazo de pagamento.

**Maroni J. da Silva  
e Jane Soares**